

ARTE



FAZ

# ARTE FAZ

© Povo Zo'é da Terra Indígena Zo'é – Pará  
Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – Iepé  
Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema – FPE-CPM/Funai

## TEXTO E EDIÇÃO

Dominique Tilkin Gallois

## COLABORADORES

Flora Cabalzar, Hugo Prudente, Leonardo Viana Braga, Mariana Feijó e Roberta Teixeira

## DESIGN GRÁFICO

Renata Alves de Souza  
Tipo Gráfico Comunicação

## MAPA

Daniel Eizirik

## REGISTRO FOTOGRÁFICO

Dominique Tilkin Gallois, Flora Cabalzar, Hugo Prudente, Leonardo Viana Braga,  
Mariana Feijó e Roberta Teixeira

## REALIZAÇÃO



## APOIO



Rainforest Foundation  
Norway



NIA  
TERO

2021

# ARTE



# FAZ

## Fazendo cerâmica nas aldeias zo'é

DIREÇÃO  
Leo Braga

EDIÇÃO  
André Lopes e Leo Braga  
2021, 11min42s

A produção cerâmica dos Zo'é envolve a aprendizagem de conhecimentos femininos, no âmbito de redes de trocas entre diferentes famílias. O filme mostra o processo de confecção de torradores de farinha e panelas em diferentes aldeias.



## Redes e caminhos: a castanha dos Zo'é

DIREÇÃO  
Hugo Prudente

EDIÇÃO  
Lia Malcher

DEPOIMENTO  
Tekaru  
2021, 10min44s

A castanha tem presença marcante na culinária zo'é e suas redes de dormir são feitas da fibra da castanheira. É perto dos castanhais que os Zo'é gostam de viver, abrir suas aldeias e caminhos, cuidando do seu território.

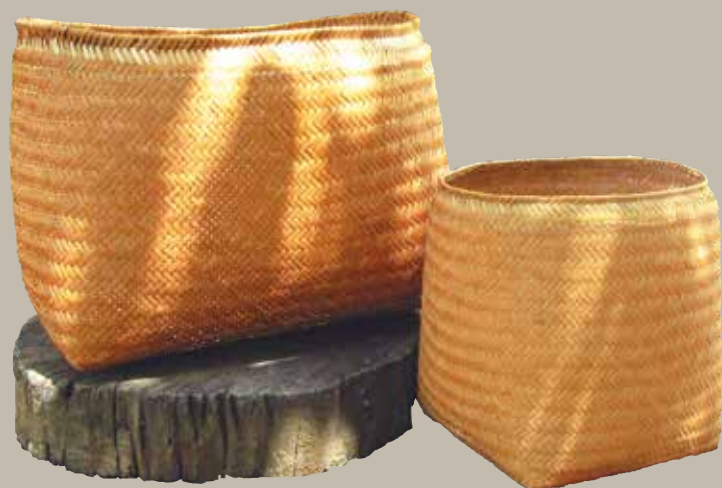
**POTUWA** / CESTO COM TAMPA | GUARDAR PERTENCES PESSOAIS

fibras de arumã e cordel de fibra de curauá  
P: 10 a 13 cm de largura x 15 a 20 cm de comprimento  
M: 13 a 15 cm x 20 a 30 cm  
G: 15 a 18 cm x 30 a 40 cm



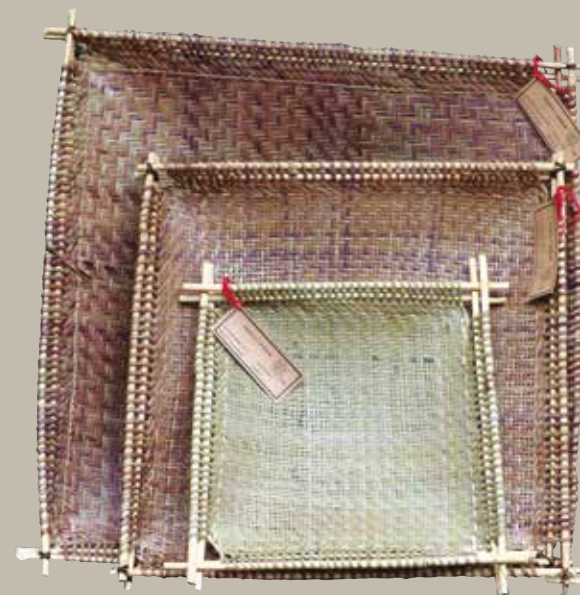
**WAPA** / CESTO SEM TAMPA | ARMAZENAR ALIMENTOS SECOS OU OBJETOS PESSOAIS

fibras de arumã  
P: 22 a 25 cm de altura x 20 a 25 cm de diâmetro  
M: 25 a 27 cm x 25 a 30 cm  
G: 30 a 40 cm x 30 a 40 cm



**URUPEM** / PENEIRA | PROCESSAMENTO DA MASSA DE MANDIOCA E OUTROS ALIMENTOS

fibras de arumã e varetas de madeira  
P: 30 a 35 cm de largura e de comprimento  
M: 45 a 50 cm  
G: 55 a 65 cm



**TAPEKWA** / ABANO | AVIVAR FOGO (P), ASSENTO (M) OU PÁ PARA LIXO DOMÉSTICO (G)

fibra de tucum e cordel de fibra de curauá  
P: 25 a 35 cm de altura x 25 a 35 de largura  
M: 35 a 40 cm x 40 a 50 cm  
G: 50 a 60 cm x 60 a 80 cm



**TEPISI / TIPITI** | PRENSAR MASSA DE MANDIOCA-BRAVA RALADA



fibras de arumã  
P: 70 a 80 cm de comprimento  
M: 100 a 120 cm  
G: 140 a 180 cm

**PISA / COLHER** | SERVIR ALIMENTOS

casca de coco, vareta de madeira, cordel de fibra de curauá ou sintético e resinas vegetais  
25 a 35 cm de comprimento





**NAPEHEN RA'YT** / TORRADOR | ASSAR BEIJU DE TAPIOCA

argila

P: 5 cm de altura x 25 cm de diâmetro  
G: 5 cm x 40 cm**TATU** / PANELA SEM BORDA

argila

P: 12 a 15 cm de altura x 20 a 25 cm de diâmetro  
M: 18 a 25 cm x 25 a 35 cm  
G: 25 a 35 cm x 40 a 50 cm**TAPIMÃ** / PANELA COM BORDA

argila

P: 15 cm de altura x 23 a 35 cm de diâmetro  
M: 18 a 23 cm x 35 a 38 cm  
G: 27 a 35 cm x 45 a 50 cm**TATU AMU** / PANELA COM PEGADOR

argila

P: 12 a 15 cm de altura x 23 a 25 cm de diâmetro  
M: 18 a 23 cm x 35 a 38 cm  
G: 27 a 35 cm x 45 a 50 cm



**KIWA / PENTE**



lascas de pau d'arco e fios de algodão nativo  
14 a 16 cm de altura x 5 a 8 cm de largura

**NA'Y / PULSEIRA**

anéis polidos de ouriço de Castanha-do-Brasil, tinta de urucum  
conjunto de sete argolas com 6 a 10 cm de diâmetro



**NAMIPOT / BRINCO**

sementes pretas, fios de algodão  
P: 1 a 3 cm de comprimento  
M: 3 a 4 cm  
G: 5 a 7 cm



**TYPOJ / TIPOIA DE LINHA VERMELHA**



estreita: 65 cm de altura x 45 cm de base  
larga: 80 cm de altura x 65 cm de base

**DIJU TYPOJ / TIPOIA DE ALGODÃO NATIVO**



estreita: 65 cm de altura x 45 cm de base  
larga: 80 cm de altura x 65 cm de base





A produção artesanal dos Zo'é está vinculada aos minuciosos conhecimentos desenvolvidos por este povo a respeito da diversidade e das propriedades específicas dos recursos vegetais e faunísticos de seu território. Esses saberes garantem tanto a diversidade de opções para a produção, como sustentam as práticas de manejo que garantiram, até hoje, a disponibilidade desses recursos nas áreas ocupadas pelos Zo'é. Praticamente todos os objetos são fabricados com um conjunto variado de componentes, incluindo aqueles coletados ou caçados na floresta, extraídos dos igarapés e aqueles cultivados nas roças.

No que segue, destacamos algumas das matérias-primas mais importantes na cultura material dos Zo'é, cuja produção engaja a colaboração de homens e mulheres. Além dos elementos utilizados para confeccionar os objetos que são comercializados através do FAZ, apresentamos também alguns dos muitos insumos necessários à fabricação dos artefatos e adereços que não podem ser vendidos, seja por conterem partes de animais, seja para resguardar esses recursos para uso dos Zo'é.

**CASTANHA-DO-BRASIL**

*Na*, a castanha, é um dos principais alimentos dos Zo'é. O leite extraído da amêndoa ralada é a base para diversos mingaus, com batata-doce, com banana, com tapioca e pimenta ou apenas com farinha. É por isso que a proximidade de um castanhal é o principal critério para escolha de um local para se abrir uma aldeia. A castanheira não fornece apenas alimento: os Zo'é usam a entrecasca para confeccionar assentos e sobretudo para preparar fios resistentes e tecer suas redes. Com os ouriços, são feitas as feiras de pulseiras usadas pelas mulheres. Por todas essas razões, eles têm nos castanhais um dos principais objetos de vigilância hoje, sabendo do constante interesse de exploração comercial existente por parte dos não indígenas.





## MATÉRIAS PRIMAS

### MADEIRAS, TINTAS E FIBRAS DA FLORESTA

Entre as inúmeras espécies utilizadas pelos Zo'é, duas árvores valiosas merecem destaque, inclusive pelas suas características contrastantes. De um lado *pubaha*, o pau d'arco, raro e com madeira avermelhada muito resistente e, do outro lado, o *poturu*, cuja madeira branca e leve é utilizada para confeccionar o adorno labial *ebepot* portado por todos os homens e mulheres.

Outras árvores fornecem entrecasca para amarração de cestos. Da entrecasca de *sisi'y*, extraem seiva para acabamento da cerâmica. De outra, como *wire sirik*, tiram sumo para tratar dores estomacais. Com a de *towari* fazem cigarros para uso terapêutico. Há também árvores que produzem resinas usadas como colas, especialmente a *wyhyk*, extraída da maçaranduba (*Manilkara huberi*, spp.)



Além dos muitos frutos colhidos para alimentação, outros servem para fazer tintas, como é o caso do jenipapo (*Genipa americana*). É com o suco do fruto ainda verde que as mulheres fazem os belos padrões gráficos *kusiwet*, que cobrem as hastes das flechas e decoram os corpos.

Entre as muitas palmeiras utilizadas pelos Zo'é, destacam-se o tucum (*Bactris* sp.), com que se tecem os abanos e as folhas de *kunana* (*Astrocaryum paramaca*), para fazer um diadema que as mulheres portam atrás da tiara de plumas brancas. As grandes folhas da palmeira *sakuri* (palha-preta) são usadas para construir abrigos e cobertura das casas. Dos talos dessa palmeira, queimados, se extrai um sal usado na preparação de mingaus. Além das fibras de palmeira, um recurso importante na produção cesteira é o arumã (*Ischnosiphon* spp.), cujos talos, descascados ou não, são os melhores para tecer cestos, peneiras e tipiti.



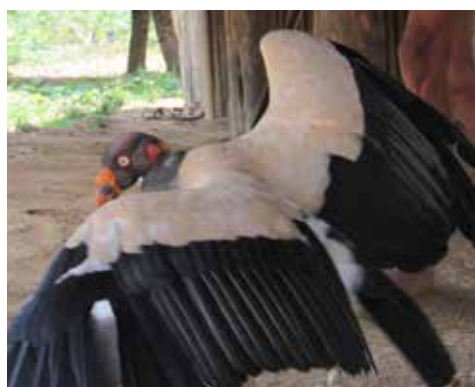


## MATÉRIAS PRIMAS

### PLUMÁRIA

É durante as festas que os homens portam cocares, feitos de penas brancas de urubu-rei, vermelhas de arara ou amarelas de rabo de japu. As feiras de penas são inseridas numa armação de palha trançada. Já, as mulheres portam suas tiaras brancas todos os dias. São confeccionadas com penugem de urubu-rei ou, mais raramente, com penugem de mutum. As plumas são delicadamente coladas com resina que também serve para fixar o adereço na testa. Em certas ocasiões cerimoniais, os homens também portam tiaras de penugem.

Penas e plumas são também indispensáveis para a produção de flechas, usadas no cotidiano pelos caçadores. As penas negras das asas de mutum e de urubu-rei são as melhores para fazer flechas. Sendo um bem valioso, são cuidadosamente armazenadas no *perepo riru*, um cesto com tampa. Quando precisam de muitas penas para fazer novas flechas, os Zo'é fazem tocaia para urubu-rei e pegam esta ave em uma engenhosa arapuca de madeira. Também se faz tocaia no alto das árvores para flechar tucano, cujas penas também são utilizadas.



## ARGILA

A argila (*jyk*) é encontrada em poucos pontos da Terra Indígena, mas, como afirmam os Zo'é, ainda há muitas jazidas nos barrancos dos igarapés, o que permitirá que eles sigam confeccionando seus torradores, panelas e potes por muito tempo. A olaria é uma arte estritamente feminina e são poucas as mulheres consideradas grandes conhecedoras no assunto. Porém, desde muito jovens, as meninas começam a aprender com elas.



## LASCAS DE CARAPAÇAS, DENTES E MIÇANGAS

Tanto adultos como crianças portam colares de contas ou plaquetas (*po'yt*) confeccionados com diversos materiais. Por ocasião das festas, usam-se feiras de lascas de caramujo *sowe*, ou colares feitos de dentes de macaco. Com lascas do couro da barriga de jacaré também montam colares destinados às crianças. Para elas, também se fazem colares e pulseiras com miçangas coloridas.





## MATÉRIAS PRIMAS

### FIBRAS DE PLANTAS CULTIVADAS

Uma das fibras mais utilizadas na produção artesanal é extraída do *kurawa* (bromélia curauá), plantado em todas as roças. Com ela, fabricam-se desde os finos fios para acabamento de adereços, cordéis de vários tamanhos até as resistentes cordas para as redes.



O algodão nativo (*diju*) é descaroçado e fiado pelas mulheres, que produzem linhas com diferentes espessuras. As mais finas são para confeccionar brincos de sementes com acabamento em flocos, além de colares e amarrações em diversos artefatos. Fios mais grossos são utilizados para confeccionar tipoias.

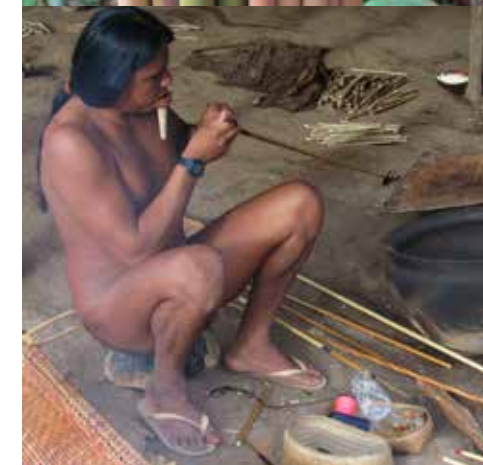


Há muitos anos, as mulheres zo'é preferem tecer suas tipoias com linhas vermelhas industrializadas, obtidas nas trocas com visitantes e hoje fornecidas através do FAZ. A preferência deve-se à intensidade da cor vermelha que não desbota, como acontece com a tintura de urucum (*Bixa orellana*), que é usado na pintura corporal com intuitos estéticos e protetivos. Da mesma forma, para a emplumação das flechas, os homens usam fios industrializados de várias cores.



## FLECHAS

*Wywa*, a cana-de-flecha (*Gynerium sagittatum*) é um cultivo importante para os Zo'é. Depois de colhidas, em roças próximas da casa ou em sítios de ocupação mais antiga, as canas são deixadas ao sol por vários dias e assim se tornam claras e leves. Os caçadores cuidam de suas flechas todos os dias, aquecendo-as no fogo para que fiquem perfeitamente retas; também se dedicam aos reparos necessários e, quando precisam, produzem flechas novas. Usando linhas e resinas, as penas são fixadas com precisão; uma leve torção garante o mecanismo de propulsão que faz a flecha girar sobre o próprio eixo e correr veloz. A flecha também deve ser bela, adornada com padrões gráficos *kusiwet* e com penugem de tucano na base da amarração das penas.







Os homens vão coletar arumã (*Ischnosiphon spp.*) na floresta e entregam as canas às mulheres da casa que geralmente preparam o material coletivamente. Para começar, é preciso bater nas canas com um porrete para soltar a casca, que é retirada em longas tiras. Essas são então desfiadas em tiras finas, amarradas e deixadas em repouso na água de um igarapé próximo da habitação, por uma noite.



No dia seguinte, inicia-se o trançado, começando pela base do estojo. Sendo essa parte a mais difícil, é realizada por uma artesã experiente, que começa a entrelaçar fasquias de arumã apoiadas no chão, para formar um trançado inicial; quando formou um quadrado, muda o encaixe de novas tiras para obter uma base retangular do tamanho do cesto desejado. Nesse ponto, amarra os cantos do retângulo com fios de *kurawa* (*Ananas erectifolius*), delimitando o tamanho da base.

Para reforçar o fundo do cesto, costura-se pedaços de arumã cortados pelo meio, um acima e outro abaixo do fundo. Para continuar, subindo as laterais do estojo, entrelaçam mais fasquias de arumã até a altura desejada. Caso ache necessário, a artesã pede para alguém trazer uma cuia com água para ir molhando as fibras que vão ressecando e amarelando rapidamente. As bordas do estojo são finalizadas fazendo



um laço com cada uma das fasquias de arumã; para isso, utilizam uma agulha feita de pedaço de osso de macaco-aranha (*kwata*), perpassando cada ponta entre vãos que elas abrem na borda superior do trançado.

Tratando-se de um cesto com tampa, o mesmo processo é realizado para confeccionar a parte superior, num tamanho um pouco maior, para encaixar no estojo. Para finalizar, cortam-se todas as sobras das fasquias de arumã e amarra-se um cordel de fibra de *kurawa* para transportar o cesto.





O *tapekwa* é um artefato multiuso. Os menores (*tapekwa ra'yt*) servem de abano, para avivar a brasa do fogo. Os maiores (*tapekwa uhu*), para recolher o lixo orgânico e levá-lo a um local de destinação no entorno da casa. São também usados como assento ou como suporte, quando não se quer apoiar algo diretamente no chão. Assim como os outros objetos trançados, o *tapekwa* é confeccionado pelas mulheres, mas são os homens que vão buscar, na floresta, folhas novas de palmeira tucum (*Bactris* sp.). Selecionam os brotos da palmeira e os arrancam da raque pela base.

Na aldeia, as mulheres assumem o trabalho, retirando um a um os folíolos das folhas novas de tucum, extraindo-as das nervuras e depois desfiando as fibras, que são reunidas num maço de mesmo tamanho. Isso feito, começam o trançado, dispondo os folíolos no chão, entrelaçados de três em três, formando um losango inicial com seus quatro feixes de pontas livres. Muitas vezes, é preciso deixar esse trançado inicial secar, para ser retomado mais tarde.

Começa-se a trançar as pontas de um lado do losango, para seguir do lado oposto e quando os dois lados trançados se encontram, o abano vai adquirindo sua forma. A borda superior é arrematada por um laço que dá firmeza ao trançado e o acabamento é feito com um cordel de fibra de curauá. Finalmente, as pontas que sobram nos lados são cortadas com uma faquinha, e o *tapekwa* é colocado novamente ao sol para secar.







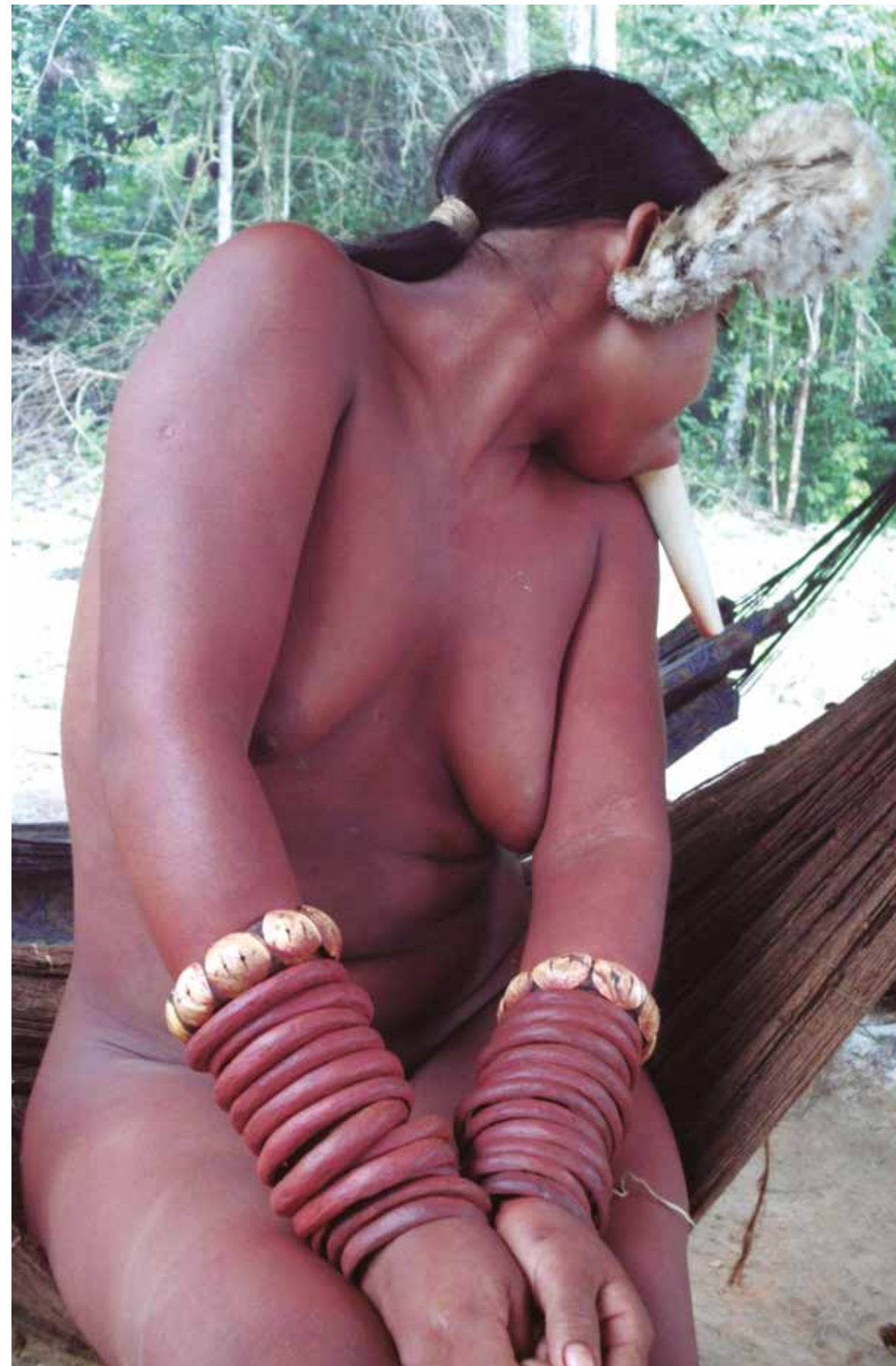
A argila utilizada na produção da cerâmica é retirada tanto do leito de igarapés quanto do solo seco à beira deles. A cerâmica ideal é feita com a argila mais limpa possível, sem ciscos ou pequenas pedras. Logo que é desempacotada, inicia-se a retirada dessas sujeiras. Em seguida, a argila é hidratada para ganhar maleabilidade. Para modelar as peças, utiliza-se a técnica de acordelado, que consiste na sobreposição de roletes de argila, tanto na produção de panelas quanto de torradores. Os roletes vão sendo feitos e empilhados para depois serem sobrepostos sobre uma base circular. No caso das panelas, os roletes sobrepostos são alisados em sentido vertical para ganhar uniformidade e o formato do corpo da panela. Já no caso do torrador, conforme vão sendo acrescentados, os roletes vão sendo desmanchados e batidos para dar uniformidade à argila em sentido horizontal. Além das próprias mãos, utiliza-se pedaços de cabaça como espátulas e caroços de inajá para alisar a argila. Após o término da moldagem e primeiro alisamento, a peça é deixada para secar. Nos dias seguintes, ela é novamente alisada e possíveis rachaduras são corrigidas adicionando-se mais argila. Estando seca, a peça é queimada com galhos e lenhas específicas, para evitar um calor excessivo que possa rachar a cerâmica. Ainda quente, a peça recebe o revestimento que é preparado com entrecascas de uma árvore chamada *sisi'y*. Já frios, os torradores, mas não as panelas, recebem também um acabamento com folhas de algodoeiro, feito para dar aderência e evitar que a farinha ou beijus queimem durante o processamento.







As pulseiras utilizadas por todas as mulheres no dia a dia são confeccionadas com ouriços da Castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa*). Para preparar novas pulseiras, as mulheres usam os ouriços disponíveis em casa ou pedem a um homem coletar ouriços diretamente da árvore. Com um facão, começa-se a desbastar um ouriço, do qual se extrairá apenas uma argola. O ouriço é entalhado até que atinja a largura desejada no centro, onde o diâmetro é o maior. Formada a argola, ela é polida num ralador de pedra, o mesmo que se utiliza para ralar mandioca e a própria castanha. Quando se dispõe de um conjunto de dez a quinze argolas, uma delas é escolhida para ser decorada com lascas de caramujo *sowe*, fixadas com resina de maçaranduba *whykyk* (*Manilkara spp.*). A última etapa do processo de confecção do conjunto de argolas é seu acabamento com pasta de urucum (*Bixa orellana*), que reveste todas as pulseiras.





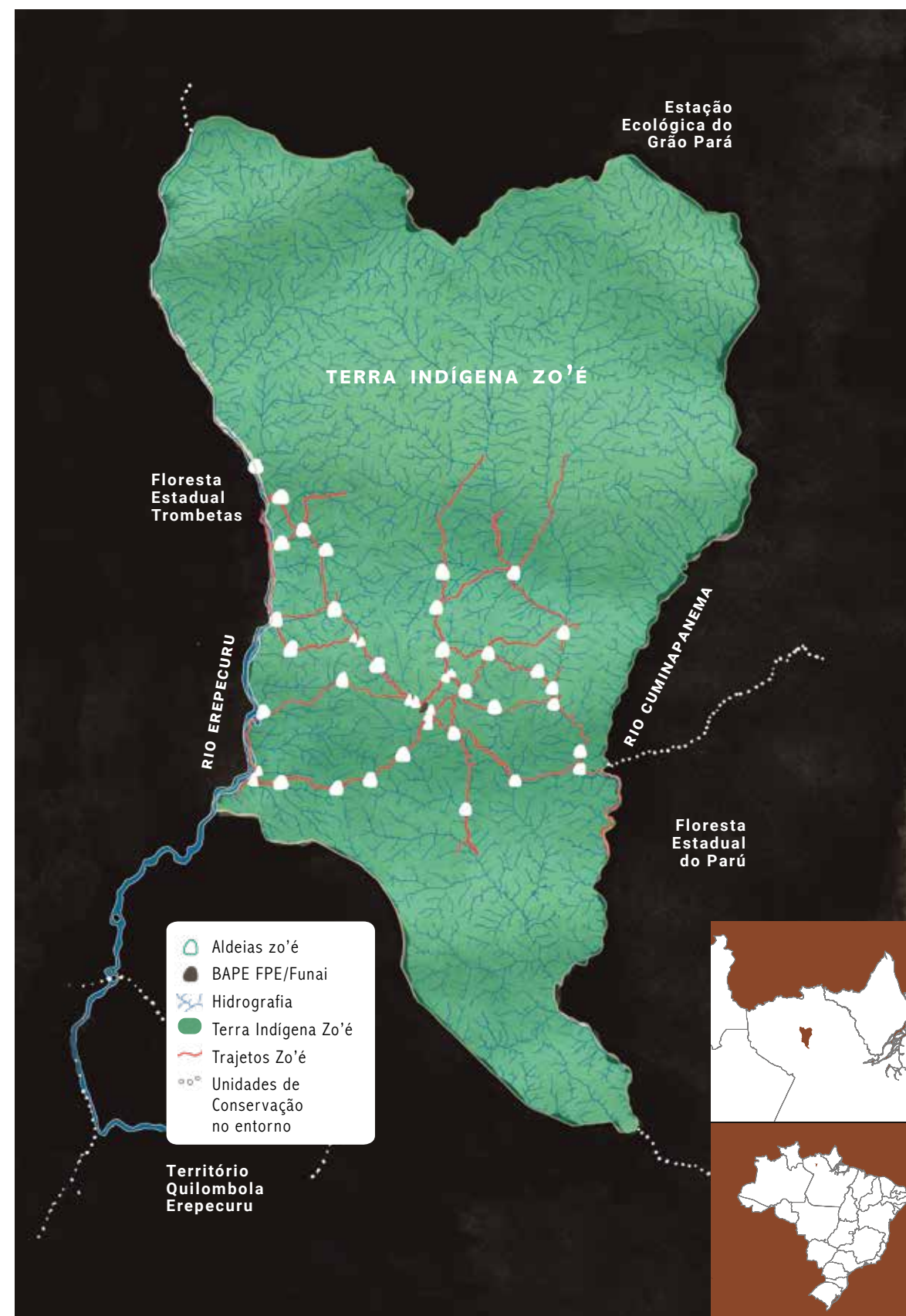
## TERRA INDÍGENA ZO'É



Os Zo'é, falantes de uma língua Tupi-Guarani, vivem numa área de densas florestas, no interflúvio dos rios Erepecuru e Cuminapanema, norte do Pará. Sua terra foi demarcada e homologada em 2009, com 668.565 hectares. São hoje 321 pessoas, que circulam entre 52 pequenas aldeias.

Em situação de recente contato, os Zo'é convivem com agentes de assistência governamental há apenas quatro décadas, mantendo vigorosamente suas formas de organização social e territorial. Seu modo de vida é caracterizado pela intensa mobilidade das famílias entre diferentes aldeias e acampamentos. Assim, vivem da floresta sem degradá-la, uma vez que as atividades de cultivo das roças, de caça, pesca e coleta são feitas em pequena escala, pelas diferentes famílias, em áreas distintas.

Dessa forma, eles acumulam um exímio conhecimento de seu território, percorrido através de uma intrincada rede de caminhos que dão acesso não só às aldeias, acampamentos e capoeiras, mas a pontos específicos de caça de determinados animais, ou a locais de coleta dos mais diversos recursos utilizados no dia a dia, tanto para alimentação como para a fabricação de utensílios e de adereços.





**O FUNDO DE ARTESANATO Zo'É – FAZ** é coordenado pela Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapenama – FPE-CPM, que atua junto ao povo Zo'é em acordo com diretrizes da Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recente Contato - CGIIRC/ Funai.



Até recentemente, as ações do órgão indigenista visavam manter esse povo em seu isolamento, afastados das relações com os não-índios e suas tecnologias. Nas últimas décadas, a CGIIRC-Funai tem revisto sua política de proteção, garantindo aos índios em situação de recém-contato novas experiências e formas de participação. É nesse contexto que, desde 2016, a equipe da FPE vem consolidando o FAZ, com apoio do Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena e com acompanhamento crescente dos Zo'é.

O Fundo consiste num sistema de trocas que envolve todas as famílias zo'é, atendendo a suas demandas de objetos industrializados incorporados ao seu modo de vida há várias décadas. As famílias entregam peças de artesanato e recebem itens que foram previamente selecionados em reuniões com os chefes de todas as aldeias. Ou seja, a um certo conjunto de artesanato vendido corresponde um certo número de itens industrializados adquiridos com o recurso da comercialização das peças.

Os itens são sempre comprados na quantidade que atenderá a todas as famílias e a entrega é realizada em bloco, seguindo a expressa preferência dos Zo'é. A lista de itens demandados é ampla e compreende objetos de uso pessoal e aqueles necessários às atividades produtivas do cotidiano, incluindo lanternas, pilhas, material de pesca, sacos para armazenar farinha e ferramentas diversas.



Como evidenciamos nesta publicação, os artefatos comercializados incluem trançados, recipientes em cerâmica, colheres, pentes, brincos e pulseiras. Tal seleção, entre os muitos itens da cultura material zo'é, obedece a critérios de sustentabilidade. A legislação vigente não permite a venda de plumária ou de flechas com ponta de osso, ou qualquer objeto fabricado com partes de animais. Arcos de madeira e redes feitas de fibras de castanheira tampouco são vendidos, para garantir aos Zo'é exclusividade no acesso a esses materiais essenciais em seu modo de vida.

Apesar dessas restrições, os resultados do FAZ são muito significativos, não apenas por incentivar a continuidade dos saberes e práticas artesanais dos Zo'é, como por viabilizar a formação em gestão dos jovens e dos chefes. Assim, ao se apropriar deste Fundo, os Zo'é souberam declarar e garantir critérios próprios na distribuição adequada dos bens adquiridos, em acordo com seus valores e considerações quanto às diferenças de gênero, idade e processos de aprendizado, bem como à isonomia entre os grupos locais.



## COMO ADQUIRIR AS PEÇAS

Para realizar seu pedido e saber mais sobre os procedimentos de pagamento e envio das peças, entre em contato conosco através do e-mail [fundodeartesanatozoe@gmail.com](mailto:fundodeartesanatozoe@gmail.com)

